

DO ACASO AO ACHADO: CONEXÕES ENTRE O ARTESANATO DE PIAÇAVA E O OLHAR *CORPOÉTICO* EM UMA OFICINA COLABORATIVA

Michelle Santana Guimarães Vêras ¹
Lidijovania Soares da Conceição ²
Ivan Maia de Mello ³

RESUMO

Este trabalho apresenta o relato de duas pesquisadoras durante uma vivência no *World Creativity Day* 2025 em Praia do Forte, no Litoral Norte da Bahia, no município de Mata de São João, em uma atividade intitulada “Mulheres e piaçavas: O trançado e sua importância na geração de renda e identidade coletiva”. Enquanto uma das pesquisadoras propôs e ministrou a oficina, a outra participou como observadora. A partir de perspectivas distintas, fundamentadas em pesquisas acadêmicas sobre a comunidade de Diogo e seu entorno, ambas compartilham reflexões pessoais sobre como suas experiências convergem na compreensão do Território usado pelo olhar de Milton Santos e do Lugar, sob a ótica da Geografia Humanista de Yi-Fu Tuan e do Corpoema do filósofo Ivan Maia de Mello. De um lado, inspirada em Gilles Deleuze e Félix Guattari, a Cartografia como método de pesquisa e intervenção e do outro o Materialismo Histórico-dialético. Como resultados dessa imersão, surgiu uma parceria que ampliou o diálogo e abriu caminhos para reflexões coletivas, afetuosas e críticas sobre as potencialidades e os desafios da compreensão do Espaço e suas diferentes dinâmicas.

Palavras-chave: Artesanato de piaçava; Corpoema; Olhar Corpoético; Vila de Diogo.

ABSTRACT

His paper presents the account of two researchers during an experience at World Creativity Day 2025 in Praia do Forte, on the North Coast of Bahia, in the municipality of Mata de São João, in an activity entitled “Women and Piaçava: “Women and Piassava: Weaving and Its Importance for Income Generation and Collective Identity.” While one of the researchers proposed and facilitated the workshop, the other participated as an observer. From distinct perspectives, grounded in academic research on the community of Diogo and its surroundings, both share personal reflections on how their experiences converge in the understanding of Territory, through the lens of Milton Santos, and Place, from the viewpoint of Yi-Fu Tuan's Humanistic Geography and Ivan Maia de Mello's concept of Corpoema.

1 Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento da Universidade Federal da Bahia - UFBA, lmiveras@gmail.com

2 Coautoria: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), lidijovania@gmail.com;

3 Professor orientador: Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestre em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ), ivan.maia@ufba.br

On one hand, the research draws from Gilles Deleuze and Félix Guattari's thought, applying Cartography as a method of research and intervention; on the other, it is informed by Historical-Dialectical Materialism. As a result of this immersion, a partnership emerged that expanded dialogue and opened paths for collective, affective, and critical reflections on the potentialities and challenges of understanding Space and its diverse dynamics.

Keywords: Piassava Craft; Corpoema; Corp(eth)ic Gaze; Village of Diogo.

INTRODUÇÃO

Esse não é um simples relato de experiência, mas uma produção conjunta, feita a quatro mãos e na contramão do que é esperado. Sem se desviar do propósito acadêmico, apresentará dois relatos em um. Numa concepção de que a pesquisa pode ser realizada em parcerias, reconhecendo a participação daquelas pessoas que cruzam nosso caminho muitas vezes ao acaso, participantes indiretos e muitas vezes não mencionados, mas que nos dão material de uma riqueza imensurável para o processo de pesquisa e escrita. Afeto, escuta, diálogos imprevistos e sem intenção alguma com a pesquisa, mas que nos movimenta, nos anima e nos faz caminhar com força, determinação e otimismo na produção acadêmica. O objetivo desse relato é apresentar o encontro de duas pesquisadoras, dois processos de pesquisas que convergiram no lócus do estudo: a Vila de Diogo e seu entorno, localizados no litoral de Mata de São João, no estado da Bahia.

Será apresentado um único relato a partir de duas vozes, duas mulheres licenciadas em Geografia que se encontraram em uma atividade proposta por uma delas: *“Mulheres e piaçavas: O trançado e sua importância na geração de renda e identidade*

A primeira voz que aqui surge é a de Michelle: Comecei meu percurso acadêmico na Geografia e passei por alguns caminhos como a Pedagogia, as Artes Cênicas, até chegar ao Doutorado em Difusão do Conhecimento⁴, onde busco um diálogo transdisciplinar, cruzando os diversos saberes em busca da compreensão da Vila de Diogo e seu entorno. A proposta da minha pesquisa é criar um mapa dos afetos, capaz de cartografar a Vila de Diogo e seu entorno a partir do que chamo de *“olhar corpoético”*. O *olhar corpoético* busca através do corpo pesquisador captar as singularidades do espaço, atentando-se para o que eventualmente passa despercebido, permitindo-se experimentar uma vivência livre de regras e a partir dos sentidos e da subjetividade criar um mapa dos afetos.

⁴ O presente trabalho foi, em parte, realizado com apoio da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de Financiamento 001*),

A segunda voz que aqui surge é de Lidijovânia: Assim como Michelle, meu percurso acadêmico inicia-se na licenciatura em geografia na Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 2006. Porém, são nas vivências produtivas do artesanato da palha de piaçava nas comunidades do Litoral Norte baiano (LN) que começo meu despertar para as lutas coletivas estruturadas no tripé da condição de ser mulher, artesã e de população tradicional frente as transformações impostas pela implantação dos empreendimentos turísticos hoteleiros e imobiliários a partir da década de 1990.

Com a ocupação de extensas áreas costeiras por grandes empreendimentos, que compreendi o sentido de o saber fazer do artesanato de piaçava para identidade individual e coletiva e a profunda relação simbólica e material que existente entre as artesãs e o seu território.

Então, minhas ações em torno da temática do artesanato de piaçava decorrem do sentimento de pertencimento simbólico e material. Na academia, desenvolvo uma pesquisa de mestrado intitulada PALMEIRAS, TRANÇADOS E TURISMO: Os impactos socioambientais dos empreendimentos hoteleiros e a ameaça ao artesanato no litoral de Mata de São João/BA; aprovada pelo Conselho de Ética da Universidade do Estado da Bahia – CEP/UNEB em 20 de março de 2025 sobre o número do parecer 7.452.292, autorizando a realização de entrevistas e mapeamento sem filmagem ou fotografias das pessoas entrevistadas.

METODOLOGIA

Voz de Michelle: A cartografia como método de pesquisa é na verdade um anti-método, que não segue um roteiro pré-estabelecido nem questionários previamente elaborados, mas que privilegia o processo na pesquisa, o acaso, a personalidade, subjetividade e é considerada uma pesquisa intervenção. Trata-se de uma metodologia inspirada nas obras de Deleuze e Guattari (1995) e apresentada no livro *Pistas do Método da Cartografia*, organizado por Passos, Kastrup e Escóssia (2019). Como parte desse processo que privilegia o acaso, tive a felicidade de participar atividade intitulada *“Mulheres e piaçavas: O trançado e sua importância na geração de renda e identidade coletiva”*, uma oficina a qual tive conhecimento a través do *whatsapp* pelo grupo de moradores e que foi promovida por Lidijovânia, (moradora da Vila de Diogo), Ao receber o *folder*, prontamente me interessei em participar da oficina pois seria uma excelente oportunidade para compreender como o artesanato de piaçava acontecia na Vila de Diogo. Mais do que aprender sobre os trançados, eu queria entender o contexto, as conexões entre as mulheres, apreciar o fazer artístico, conhecer pessoas, ouvir histórias, captar a poesia dos afetos.



Figura 1 - Materiais da oficina realizada no World Creativity Day 2025

Fonte: Arquivo pessoal Michelle (2025).

Voz de Lidijovânia: A oficina foi embasada no saber fazer o artesanato de piaçava das artesãs do Diogo e entorno, que herdaram o conhecimento sobre o território e a tradição oral/manual dos povos indígenas que habitavam o LN. O artesanato expressa o presente entrelaçado com o passado ancestral, o território e as relações coletivas de produção e bem viver das pessoas. Entre a extração da piaçava e a peça pronta, foram apresentadas as etapas produtivas e os diferentes cenários que se desenvolvem, integrando o participante ao processo produtivo.

Contei com a participação e colaboração das artesãs Simone Márcia e Laura Ferreira, que assim como eu, integram a Associação das Artesãs do Diogo, Areal e Santo Antônio – grupo produtivo formalizado juridicamente em 2003

Cada participante da oficina podia tocar a palha, riscar, começar uma trança, experimentar o coco do licuri, costurar um tapete e montar flores de palha.

REFERENCIAL TEÓRICO

Voz de Michelle: Compreender o Lugar a partir do *insight humanístico* proposto por Tuan (1975) é reconhecê-lo de maneira sensível, subjetiva e significativa. Trata-se de uma abordagem que envolve emoção, contato cultural e percepção das formas como os seres humanos se inserem e se conectam com o mundo. Essa perspectiva se alinha ao presente relato de experiência, que busca compreender a prática artesanal com piaçava da Vila de Diogo, bem como a leitura desse lugar através do *olhar corpoético*. Segundo Tuan (1983, p. 163) “experiências íntimas são difíceis, mas não impossíveis de expressar. Elas podem ser pessoais e sentidas profundamente, mas não são necessariamente solistas ou excêntricas”.



O corpo é o instrumento de passagem para a leitura, vivência, contato, invenção, intervenção e construção do Lugar. Assim é importante compreendermos o corpoema:

O corpoema é um corpo criador que se torna poeta da própria existência, fazendo de si mesmo um fenômeno estético, para compor, com a unidade de um estilo em si mesmo diversificado nos modos de expressão e linguagens, a vida como obra de arte. A habitação corpoética do mundo ocorre pela apropriação de si. (MELLO, 2020, p. 235).

O corpo pesquisador e suas experiências pessoais, vividas no passado e no presente, podem construir impressões e registros de pesquisa. Dar passagem por meio deste corpo aos sentimentos, à experimentação espontânea, à intuição e à imaginação é parte do que eu, Michelle, proponho como “*olhar corpoético*”.

Voz de Lidijovania: Neste sentido, percebe-se a formação dos territórios a partir das relações de poder, aqui entendida na visão de Milton Santos, pautadas nos aspectos materializados no território, mas também nos aspectos subjetivos e simbólico- culturais. Santos (1999), define o território como:

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (SANTOS, 1999, p.08).

Podemos refletir que a trajetória das mulheres artesãs da piaçava no litoral de Mata de são João, revela-nos o uso do território como um aspecto de identidade individual e coletiva, que antecede a dominação representada pela implantação das redes hoteleiras a partir da década de 1990.

Pensar no artesanato da palha de piaçava como elemento vivo capaz de integrar mulheres para além de suas residências, grupos familiares e comunidades; torna a prática tradicional de trançar palmeiras com cores vivas, um elo estruturado na identidade coletiva, geração de renda e empoderamento feminino uma estratégia de sobrevivência, pautada na relação dialética de adequação ao mercado turístico globalizado e resistência cultural e territorial.

É indispensável ressaltar que a atividade artesanal de trançar a piaçava é uma prática milenar, que se transforma a partir de novos *designs* e produtos que visam atender as demandas geradas pelo setor turístico hoteleiro nacional e internacional. Neste contexto, o desenvolvimento do setor turístico no Litoral Norte da Bahia, impacta o artesanato de piaçava a partir dos pontos de comercialização, geração de renda para as mulheres e aumento das

difficultades para extrair a palha de piaçava, devido a restrição de acesso as áreas utilizadas por essas populações tradicionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Voz de Michelle: Durante a oficina tive o privilégio de conhecer as etapas de produção do artesanato de piaçava. Do momento em que ocorre extrativismo vegetal cuidadoso e respeitoso com a natureza, passando pelo cozimento da palha, secagem, tintura, até os diferentes tipos de trançados. No meio desse percurso de aprendizagem há detalhes interessantes, como usar uma faca cega para “riscar” (desfiar) a palha, não matar o “olho da piaçava” (ponto central da planta que se extraído compromete sua reprodução) e tantos detalhes preciosos como perceber que cada traçado único e a existência de vínculos entre as mulheres tornam as produções artesanais exclusivas e valiosas. Anciãs buscam resistir as forças do capitalismo que com a especulação imobiliária e a mudança nas relações de trabalho da região, ampliam distâncias do fazer cultural entre os mais velhos e os mais novos (esses últimos cada vez menos interessados pelo artesanato de palha). O *olhar corpoético* me fez perceber além, e fez ressoar por dias duas informações para mim relevantes: a primeira é que se trata de um saber ancestral, que tem suas raízes na cultura Tupinambá (indígenas que habitaram, dentre outras áreas do Brasil o litoral baiano). A segunda, é que o acesso a mata para a coleta de piaçava era “livre” até pouco tempo atrás e com a expansão do turismo na região, as áreas passaram a ser cercadas, inviabilizando o acesso histórico a terra.

Voz de Lidijovânia: A realização da oficina possibilitou expor peças artesanais, apresentar e demonstrar as etapas produtivas do artesanato da piaçava, compartilhar as diferentes técnicas presentes nas tranças feitas com a palha, costurar tapete e fazer trançados. Durante toda atividade, entrelaçou-se a prática do saber fazer artesanato com as histórias vivas na memória das artesãs que envolvem a cultura do Diogo e seu entorno. A realização desta atividade externa à comunidade que produz — Diogo — permitiu levar o produto artesanal associando sua história, desafios, rompendo barreiras e atraindo a atenção para os impactos do turismo hoteleiro e imobiliário sobre a cadeia produtiva do artesanato que entre outros aspectos, tem reduzido e restringido o acesso aos territórios usados tradicionalmente para a extração da piaçava pelas artesãs no Litoral Norte da Bahia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Voz de Michelle: Num processo investigativo, movida pelo *olhar corpoético*, passei a buscar materiais que pudessem elucidar a relação da terra com o turismo e com as artesãs. Encontrei no documento de “Estudo de impacto ambiental: relatório de impacto no meio ambiente – RIMA: área situada entre os povoados de Diogo e Imbassaí, município de Mata de São João / Bahia” a informação equivocada que “No que tange as atividades de extrativismo na propriedade, tal prática não é realizada há longos anos”. A Lei nº 9.985/2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), prevê a criação de Reservas Extrativistas, que são áreas de domínio público com uso concedido às populações extrativistas tradicionais. Assim, percebe-se que as possíveis apropriações de terras seguem uma lógica histórica de disputas. O neocolonialismo parece apresentar novas identidades e formas de atuação sobre as comunidades.

Voz de Lidijovânia: O diálogo estabelecido entre artesãs e participantes da oficina *“Mulheres e piaçavas: O trançado e sua importância na geração de renda e identidade coletiva”*, reforça a importância de ações que objetivam manter o saber fazer do artesanato de piaçava vivo nas populações locais. Atividades como essa, possibilitam que o artesanato da palha de piaçava acesse diferentes espaços e grupos, de modo que nossas peças, histórias e lutas toquem e agregam pessoas, fazendo surgir redes de mulheres, comunidades tradicionais, pesquisadores e demais indivíduos e organizações que objetivem pensar o desenvolvimento econômicos pautado na sustentabilidade socioambiental, cultural e territorial.

A oficina, também é um grito, um grito que se utiliza do que fazemos de melhor como mulheres artesãs – o artesanato. Pois, cada povo tem sua linguagem, instrumentos e táticas para guerrear e resistir. Ensinar o trançado da piaçava nos mantém vivas, nos conecta com o território e com os nossos antepassados, nos permite compreender que somos singulares – temos identidade, mesmo diante do processo de globalização, internacionalização e com a crescente presença em curso das redes hoteleiras transnacionais no Litoral Norte da Bahia.

REFERÊNCIAS

BARROS, R. D. B.; PASSOS, E. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da



Natureza e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 19 jul. 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm. Acesso em: 12 maio 2025.

MELLO, Ivan Maia de. **Corpoema: a vida como obra de arte**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020. 269 p.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. **GEOgraphia**, Niterói, ano 1, n. 1, 1999.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983. Disponível em: <https://fundacc.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/Espaco-e-lugar-a-perspectiva-da-experiencia-YI-FU-TUAN.pdf>. Acesso em: 5 maio 2025.